

ADEEKWE YE'KUANA: EU FALO YE'KUANA. ASPECTOS DA FONOLOGIA, MORFOLOGIA E SINTAXE DE UMA LÍNGUA DA FAMÍLIA KARÍB

Isabella Coutinho Costa
Mestre em Linguística pela UFRJ
Professora da UER
E-mail: isabella_coutinho@hotmail.com

**ADEEKWE YE'KUANA: EU FALO YE'KUANA.
ASPECTOS DA FONOLOGIA, MORFOLOGIA E
SINTAXE DE UMA LÍNGUA DA FAMÍLIA KARÍB**

**ADEEKWE YE'KUANA: I SPEAK YE'KUANA.
ASPECTS OF PHONOLOGY, MORPHOLOGY AND
SYNTAX OF A KARIBAN LANGUAGE**

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar informações básicas acerca da fonologia, morfologia e da sintaxe da língua Ye'kuana (Karíb) a partir da perspectiva teórica do Funcionalismo Tipológico, seguindo Comrie (1989), Croft (2003), Payne (1997, 2006) e Nichols (2007). Os Ye'kuana estão geograficamente localizados na Venezuela, onde são aproximadamente 6.000 pessoas segundo Cáceres (2011) e 500 pessoas no Brasil, onde habitam o extremo noroeste do estado de Roraima, na Terra Indígena Yanomami-Ye'kuana, região de Auaris. Este artigo apresenta num primeiro momento informações gerais sobre a localização dos Ye'kuana, depois sobre a língua Ye'kuana e, num segundo momento, apresenta considerações sobre a fonologia, uma análise da tipologia morfológica e das classes nome e verbo da língua. Finalmente, seguem alguns comentários sobre a ordem dos constituintes em Ye'kuana.

PALAVRAS-CHAVE: Tipologia; Ye'kuana; ramo Guianense; Família Karíb.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present basic information about the phonology, morphology and syntax of Ye'kuana, a Kariban language, from the theoretical perspective of Functionalism Typological, following Comrie (1989), Croft (2003), Payne (1997, 2006) and Nichols (2007). The Ye'kuana are geographically located in Venezuela, where they are approximately 6,000 people according Cáceres (2011) and 500 people in Brazil. They live in the extreme northwest of the state of Roraima, at Terra Indígena Yanomami – Ye'kuana, Auaris region. This paper presents at first, general information about the location of the Ye'kuana, then about their language. Secondly, it presents considerations about phonology, an analysis of typological morphology and of the two grammatical classes of noun and verb. Finally, there are some comments on the order of constituents in Ye'kuana.

KEYWORDS: Typology; Ye'kuana; branch Guyanese; Kariban Family.

SOBRE OS YE'KUANA

Os Ye'kuana, povo que fala uma língua que pertence à família linguística Karíb, podem ser encontrados ao sul da Venezuela e no Brasil. Na Venezuela eles se dividem entre os estados Amazonas e Bolívar, e no Brasil estão localizados no extremo noroeste do estado de Roraima, na Terra Indígena Yanomami, região de Auaris. Segundo Cáceres (2011), o último recenseamento na Venezuela indicou 6.500 pessoas que vivem entre o estado Amazonas e o estado Bolívar. No Brasil, as informações concedidas pela Secretaria de Saúde Indígena – SESAI através do censo de vacinação indicam 500 pessoas, que estão divididas em quatro aldeias, sendo três ao longo do Rio Auaris: *Fuduwaduinha*, com cerca de 250 pessoas; Pedra Branca, com 20 pessoas; e *Kudatanha*, com 50 pessoas. Na cabeceira do rio Uraricoera encontra-se a última aldeia Ye'kuana brasileira, *Waikás*, com cerca de 150 pessoas. Fora essas aldeias, cerca de 30 jovens residem atualmente na capital de Roraima, Boa Vista, onde concluem seus estudos em nível Médio ou Superior. Nas aldeias mencionadas acima, a língua que prevalece é o Ye'kuana. Apenas os homens maiores de 18 anos (que já foram estudar em Boa Vista) e algumas mulheres jovens falam português. Esse diagnóstico é válido para todas as aldeias Ye'kuana do Brasil.

Os Ye'kuana construíram suas aldeias ao longo do rio Auaris (no caso dos índios brasileiros) ocasionalmente mudando sua localização de um lado do rio para o outro. Segundo as narrativas dos antigos¹, o primeiro Ye'kuana teve origem na serra *Atawanna*, localizada ao sul da Venezuela. Para muitos, a distância da aldeia *Waikás*, localizada no rio Uraricoera e fora do território considerado

sagrado, é um dos indícios de que a era dos Ye'kuana está chegando ao fim. Há muitas versões das narrativas sobre a origem e o fim dos Ye'kuana. Chamadas *Watunna*, essas narrativas foram estudadas por Civrieux (1979) e Guss (1989) a partir do depoimento dos índios da Venezuela. Recentemente Andrade (2007) revisitou as *Watunna* dos Ye'kuana do Brasil.

Em geral, alguns ritos de passagem, festas tradicionais, culinária, agricultura, medicina foram preservados, tanto pelos Ye'kuana brasileiros quanto venezuelanos, com uma ou outra intervenção dos costumes dos brancos. No Brasil, particularmente, os Ye'kuana se mostraram severamente resistentes às mudanças impostas pela religião dos missionários que chegaram a Auaris na década de 60, mas mesmo assim foram deixando de cumprir alguns rituais, principalmente os que envolviam alimentação, em função da escassez de caça e pesca. Recentemente foi decidido que a passagem de ano vai ser celebrada no mês de fevereiro, pois, de acordo com o calendário tradicional Ye'kuana, é em fevereiro que acontece a mudança de um ano para outro. As passagens de fase da menina (*Ajichoto*), a festa da primeira enfeitação do bebê (quando ele usa enfeites de miçanga pela primeira vez) e as festas em torno de construções de casa, ou de abertura de roças, são exemplos de rituais ainda preservados na vida Ye'kuana.

Atualmente as aldeias Ye'kuana do Brasil estão passando por um processo de 'retorno às origens' através da busca das antigas tradições que foram se perdendo ou enfraquecendo ao longo dos anos com o aumento do contato com os brancos. Uma prova disso é a reformulação do Projeto Político Pedagógico das escolas Ye'kuana. Tais projetos

Essas narrativas foram contadas durante as reuniões para escolha do símbolo da Associação Ye'kuana, que foi justamente um desenho da serra *Atawanna*. Essas reuniões foram realizadas em Janeiro de 2012

tem se acomodado aos costumes tradicionais ao priorizar a inclusão no currículo das histórias dos antigos, a arte e o conhecimento medicinal que faz parte do saber Ye'kuana.

Somente as aldeias *Fuduuwaduinha*, *Kudatainha* e *Waikás* possuem escolas, que atendem crianças que cursam o Ensino Básico. Nessas escolas a maioria dos professores tem ou está concluindo o Magistério Indígena, oferecido pela Secretaria de Educação. Outros estão cursando ou já cursaram a Licenciatura Intercultural oferecida pela Universidade Federal de Roraima através do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena.

YE'KUANA: UM MEMBRO DO TRONCO GUIANENSE DA FAMÍLIA KARÍB

O Ye'kuana é uma língua da família Karíb, a segunda maior família linguística da América do Sul, ficando atrás da família Aruák. As línguas Karíb são faladas no norte da América do Sul, na Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa, no norte do Brasil e ao sul do rio Amazonas, ao longo do rio Xingu, na região central (Gildea 2012). Gildea também estima que 25 línguas Karíb ainda são faladas por um número entre 60 a 100 mil pessoas.

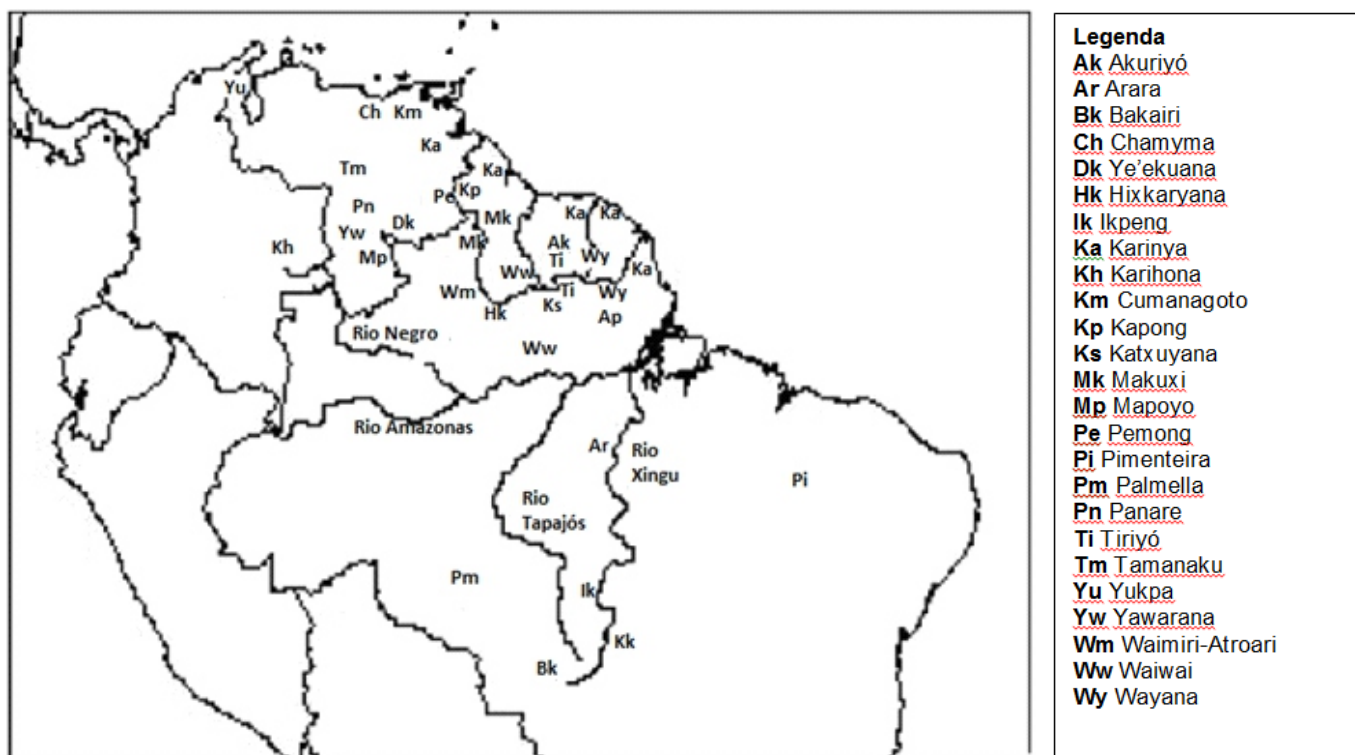


Figura 1. Localização das línguas Karíb na América do Sul. (Meira 2006:160)

O primeiro trabalho de descrição de uma língua Karíb, intitulado *Introduction à la langue des Galibis*, foi feito por Pierre Pelleprat mas o primeiro a mencionar uma família de línguas Karíb foi Salvatore Philippo Gilij, acerca de línguas da Venezuela (*apud* Derbyshire 1999). Com relação à classificação interna da família, Gildea (2012) afirma que vários estudiosos rejeitaram a proposta

de Durbin (1977) por esta não conter evidências convincentes que corroboram com as suas hipóteses. Já a proposta de Girard (1971) de divisão da família Karíb em 14 grupos foi melhor aceita por conter dados mais atuais. A classificação proposta por Kaufman (2007) em muito se baseia na proposta de Girard (1971), e de acordo do Gildea (2012:443) os problemas da proposta de Kaufman

(2007) foram tentar aproximar sua pesquisa com a de Durbin (1977) e com a de Loukotka (1968), além de fazer uso de dados incorretos de Loukotka para propor outros tipos de agrupamento, tanto para as propostas em Kaufman (1994) quanto para Kaufman (2007). Nestas classificações de Kaufman (1994, 2007), reunidas na figura 2 (adaptada de Gildea 2012:144), o Ye'kuana

(De'kuana) aparece no Grupo Makiritare do Ramo Central junto com o Apalaí, o Mapoyo - Yawarana, línguas estas que na reanálise proposta por Gildea são posicionadas em grupos separados. No ramo sul aparecem o grupo Arara e o grupo Bakairi, sendo que este agrega erroneamente, as línguas Kuikuro e Kalapalo.

- A. Língua Opón-Karare
 - B. Grupo Yukpa: Yupka, Japreria, † Koyama
 - C. Kari'nya
- (Ramo Guianense : D-E-F – Incluído somente na publicação de 1994)
- D. Grupo Tiriyo
 - D1. Subgrupo Tiriyo: Akuryio, Tiriyo
 - D2. Subgrupo Karihona: Hianákoto, Karihona
 - D3. Salumá
 - E. Grupo Kashuyana: Kashuyana – Warikyana, Shikuyana
 - F. Grupo Waiwai: Waiwai, Hixkaryana
- (Ramo Norte-Amazônico: G-H-I – Incluído somente na publicação de 1994)
- G. Grupo Jawaperi: † Bonari, Jawaperi (Waimiri-Atroari)
 - H. Grupo Paravilyana
 - H1. Saporá
 - H2. Subgrupo Paravilyana: Pawishiana, †Paravilyana
 - I. Grupo Pemong
 - I1. Subgrupo Pemong: Makushi, Pemong (Taurepang, Kamarakotó, Arekuna), Kapong (Akawayo, Patamona, Ingarikó)
 - I2. Purukotó
- Ramo Central: J-K-L-M-N-O
- J. † Kumaná († Chaima, † Cumanagota)
 - K. † Grupo Yao: † Tiverikoto, † Yao
 - L. Grupo Wayana: Wayana, † Arakajú
 - M. Apalaí
 - N. Mapoyo-Yawarana († Tamanaku)
 - O. Grupo Makiritare: Makiritare (**De'kuana**), Wajumará
- Ramo Sul: P-Q-R-S-T
- P. Grupo Bakairi: Bakairi, Amonap (Kuikuro, Kalapalo)
 - Q. Grupo Arara: Arara-Piriri, † Apiaká-Apingi, † Juma, † Yarumá, Chikaon (Txikão)
 - R. † Palmella
 - S. † Pimenteira
 - T. Panare

Figura 2. Classificação da Família Karíb proposta por Kaufman (1994, 2007) adaptada de Gildea (2012:444).

A classificação interna mais recente das línguas da família Karíb é a proposta por Gildea (2012). Nesta classificação a língua Ye'kuana (De'kuana), que era considerada parte do Ramo Venezuelano (Meira 2006), agora é alocada no Ramo Guianense, juntamente com as línguas Kari'nja, Wayana e o grupo Taranoano (Figura 3). De acordo com esta classificação proposta por Gildea (2012), a língua Ye'kuana é classificada dentro do ramo Guianense da família linguística Karíb a partir da comparação das semelhanças fonológicas e morfosintáticas entre o Ye'kuana e as línguas dos grupos Kari'nja, Taranoano e Wayana. Cáceres (2011:51) propõe, justificando a classificação de Gildea (2012), que as semelhanças entre o Ye'kuana e o Kari'nja e o Ye'kuana e as línguas do ramo Venezuelano foram

motivadas por contato linguístico, sem, no entanto, saber avaliar precisamente de que forma esse contato ocorreu.

A partir das considerações de Meira e Franchetto (2005) o Kuikuro / Kalapalo são classificados dentro de um ramo específico, o ramo Nahukwa, uma vez que não apresentam evidência de uma relação estreita com nenhum outro grupo do nível Proto-Karíb e também porque apresentam características específicas dentro da família Karíb do Sul e da família Karíb como um todo. A figura 3 também mostra que o Bakairi e o grupo Arara foram posicionados dentro do ramo Pekodiano, e que o Mapoyo / Yawarana agora fazem parte do ramo Venezuelano, juntamente com o grupo Pemón e o Panare.

Ramo Parukotoano (A)

A. Grupo Parukotoano

A1. Katxúyana (Shikuyana, Warikyana)

A2. Subgrupo Waiwai: Waiwai (Wabui, Tunayana), Kixkaryana

Ramo Pekodiano (B-C)

B. Bakairí

C. Grupo Arara: Arara (Parirí), Ikpeng (Txikão)

Ramo Venezuelano (D-E-F-G-H)

Macro-Grupo Pemón-Panare (D-E)

D. Grupo Pemón (Kápong [Akawaio, Patamona, Ingarikó], Makushi, Pemón [Taurepang, Kamarakóto, Arekuna]).

E. Panare

Mapoyo-Tamanaku Macro-Group (F-G-H)

F. † Kumaná († Chaima, † Cumanagota)

G. Mapoyo/Yawarana (Mapoyo, Wanai, Yawarana, Pémono)

H. † Tamanaku

Ramo Nahukwa (I)

I. Grupo Nahukwa: Kuikuro, Kalapalo

Ramo Guianense (J-K-L-M)

J. Kari'nja (Carib, Kalinya, Cariña, Galibi)

K. Makiritare (De'kwana, Maiongong, Ye'kuana)

L. Grupo Taranoano

L1. Subgrupo Tiriyo: Akuriyo, Tiriyo, Trio

L2. Karihona

M. Wayana

Resíduo (Grupos e línguas que ainda não foram classificados em ramos, dispostos aqui em ordem

alfabética)

N. Apalaí

O. Waimiri Atroarí

P. Yukpa Group: Yukpa, Japréria

Figura 3. Classificação da família Karíb proposta por Gildea (2012:445)

As línguas Karíb atualmente apresentam um panorama de pesquisas que tem permitido resolver vários problemas de classificação. Muito do que se discute hoje pode ser encontrado em Gildea (1998), Derbyshire (1999) e Meira (2006). Há também trabalhos substanciais sobre as línguas Tiriyo (Meira 1999), Ikpeng (Pachêco 1997; 2001 e Campetela 1997; 2002), Panare (Gildea 1989; 1993), Waimiri Atroarí (Bruno 2003), Kuikuro (Franchetto 2002; 2003; 2004; 2006 entre outros; Franchetto e Santos 2003; Santos 2007), Wayana (Tavares 2005), Ingarikó (Sousa Cruz 2005), Ye'kuana (Chavier 1999; 2008, Cáceres 2007; 2011), e o clássico trabalho de Derbyshire (1985) sobre o Hixkaryana, só para citar alguns. A partir do momento em que as línguas são analisadas e seus dados são disponibilizados, pode-se proceder a uma análise comparativa de qualidade, que permita reconhecer as semelhanças e diferenças com outras línguas da família, dessa maneira, os dados disponibilizados pelo trabalho de Cáceres (2011) ajudaram a incluir o Ye'kuana junto ao Kari'njia, o Taroano e o Wayana para formar o ramo Guianense, uma vez que há muitas semelhanças morfossintáticas e fonológicas partilhadas entre essas línguas.

Geograficamente os Ye'kuana estão, em sua maioria, localizados na Venezuela, mais precisamente no interior daquele país, onde ocupam três zonas distintas: dois grupos estão localizados no interior do estado Amazonas (um no Alto Orinoco e ao longo do rio Cunucunuma, outro no rio Ventuari) e o terceiro grupo está localizado na

bacia do Caura (Cáceres 2011:24). Os Ye'kuana são conhecidos por várias denominações: os auto-etnônimos Ye'kwana, De'kwana e Dhe'kwana correspondem, o primeiro, ao etnônimo dos habitantes da bacia do Caura, o segundo, ao grupo que habita o Cunucunuma, e o terceiro, à denominação do grupo do Alto Orinoco (Hall 1988). Somando, a população Ye'kuana da Venezuela aproxima-se das 6.500 pessoas (Cáceres 2011). O pequeno grupo que habita o Brasil, mais precisamente a região noroeste do estado de Roraima, na Terra Indígena Yanomami-Ye'kuana, está com uma população estimada em 500 pessoas. O mapa a seguir mostra a Terra Indígena Yanomami-Ye'kuana.

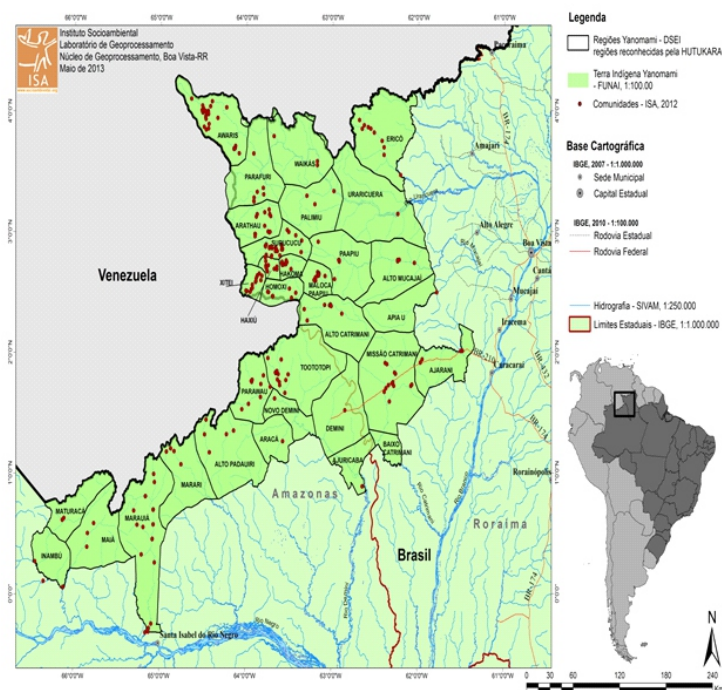


Figura 4. Terra Indígena Yanomami-Ye'kuana (Fonte: ISA/2013)

Para o viajante alemão Theodor Koch-Grünberg, em seu trabalho *De Roraima ao Orinoco* (1979 [1917]), o fato de os Ye'kuana hoje habitarem a bacia do Caura, ao sul da Venezuela, e do alto Uraricoera, no Brasil, se deve em função da migração no início do século XX, provocada por lutas com os povos Aruák.

YE'KUANA: ANÁLISES LINGUÍSTICAS ANTERIORES

A primeira análise linguística de que se tem notícia sobre o Ye'kuana, é a análise de Daniel de Escoriza, datada de 1959, que apresenta uma descrição morfológica sobre o dialeto falado na bacia do Caura (*apud* Cáceres 2007:33), mas não tive acesso a esses dados. Com relação ao dialeto falado no Cunucunuma, há duas análises linguísticas feitas até o momento. Uma é a tese de doutorado de Katherine Hall (1988) *The morphosyntax of discourse in De'kuana Carib*. Dividida em dois volumes, a tese de Hall no primeiro volume se preocupa com a análise do discurso, enquanto no segundo procede a uma análise da fonologia e morfologia da língua. A outra análise do dialeto do Cunucunuma corresponde às pesquisas realizadas por Mariela Chavier: um memorial sobre aspectos da fonologia e morfologia do Ye'kuana (1999) e uma tese (2008) contemplando aspectos da morfossintaxe.

Mais recentemente, as pesquisas de Natália Cáceres ofereceram as seguintes pesquisas: *Introduction à la langue des Ye'kwana: profil sociolinguistique et esquisse phonologique*, uma dissertação de mestrado de 2007 e a tese de doutorado intitulada *Grammaire Fonctionnelle-Typologique du Ye'kwana* (2011). As duas obras representaram um divisor de águas na descrição do Ye'kuana. A qualidade e a quantidade de dados disponibilizados pela linguista permitiram a Gildea (2012) resolver problemas quanto à classificação da língua, o que resultou no posicionamento do Ye'kuana no ramo Guianense.

PERFIL FONOLÓGICO DO YE'KUANA

Durante a pesquisa sobre a morfologia do Ye'kuana, que resulto na dissertação de mestrado *Número em Ye'kuana: uma perspectiva tipológica*, realizei alguns estudos sobre a fonologia da língua para entender melhor o funcionamento deste sistema em comparação às análises descritas por Cáceres (2007; 2011). Da mesma forma que o dialeto Ye'kuana da Venezuela (Cáceres 2011:58), o dialeto brasileiro apresenta quatorze vogais com sete timbres vocálicos diferentes com oposição entre três pontos de articulação e três níveis de abertura, conforme pode ser conferido na tabela 1 abaixo.

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas	i ii [i] [i:]	ö öö [i] [i:]	u uu [u] [u:]
Médias	e ee [e] [e:]	ä ää [ə] [ə:]	o oo [o] [o:]
Baixas		a aa [a] [a:]	

Tabela 1. Sistema vocálico da língua Ye'kuana (adaptado de Cáceres 2011:58)

De acordo com Cáceres (2011:57) Hall (1988) e Chavier (1999) atestam a existência do mesmo sistema vocálico. A presença de vogais longas nas línguas da família Karíb tem sua origem em

diferentes processos fonológicos tais como redução silábica (Gildea 2012:448), elisão de vogais ou a preservação moraica de um segmento que não existe mais em contexto sincrônico.

Enquanto vogais fonéticas curtas apresentam suas variantes longas, as vogais fonéticas longas não apresentam variantes em fonação ou em modo de articulação, o que Cáceres (2011:58) justifica novamente com base na estrutura moraic, a prova disso é que vogais longas não podem aparecer em

coda silábico.

O sistema consonantal do Ye'kuana do Brasil apresenta 14 fonemas diferentes sem oposição de vozeamento. A tabela 2.2 abaixo apresenta os fonemas do Ye'kuana (dialeto do Brasil) a partir dos dados coletados para esta pesquisa.

	Labial	Lábiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva			t [t]			k [k]	' [ʔ]
Africada					ch [tʃ]		
Nasal	m [m]		n [n]		nh [ɲ]		
Flap			d [ɾ]				
Fricativa		f [f]	s [s]	sh [ʃ]			j [h]
Aproximante	w [w]				y [j]		

Tabela 2. Consoantes da língua Ye'kuana

Esse sistema composto é diferente do sistema Proto-Karíb reconstituído por Gildea (2012), segundo o qual não aparecem as oclusivas *p, *t e *k, as nasais *n e *m, o flap *ɾ e as duas aproximantes *w e *j. A existência dos fonemas /t, k, n, m, ɾ, w, j / no sistema fonológico Ye'kuana pode ser explicada como resultado de diferentes processos de assimilação. Os inventários consonantais das línguas também podem aumentar em função de processos históricos tais como palatalização/lenição, vozeamento intervocálico e debucalização (perda dos traços orais de articulação). O processo de palatalização/lenição que ocorre após /i/ ou /e/ gerou as fricativas ou africadas /s, ʃ, ts, tʃ/ a partir do *t. Segundo Gildea (2012:447) na maioria das

línguas Karíb ocorre esse processo. Já o processo de debucalização gerou a consoante glotal /ʔ/, e tal processo acontece quando uma sílaba em posição de *onset* se torna a primeira em um grupo de consoantes devido à perda da vogal seguinte.

De acordo com Cáceres (2011:61) todas as consoantes apresentam pelo menos dois alofones:

- variantes geminadas de todas as consoantes, com exceção da oclusiva glotal. Os dados de Cáceres, coletados até o momento, não lhe permitem estabelecer claramente o contexto em que aparecem. O único contexto de geminação claro aparece para o flap no qual a geminação ocorre obrigatoriamente após a aproximante /w/;
- variantes palatalizadas de todos os fonemas não-palatais. Essas variantes são observadas somente

nos limites morfológicos onde as possibilidades combinatórias entre os morfemas permitem identificar o fonema não-palatalizado de origem.

Essas variantes aparecem adjacentes aos segmentos /i/ e /j/ conforme mostram os exemplos abaixo:

- (01)
- | | | | |
|----|--------|-----------------------|--|
| a. | .s ~ ʃ | [suma]
'beijar' | [niʃuma]
'ele beija (alguém)' |
| b. | m ~ ɲ | [mennə]
'escrever' | [niɲennəj]
'ele escreve (alguma coisa)' |
| c. | ɾ ~ tʃ | [janwaɾi] | [kaawajtʃi] |

(Cáceres 2011:63)

- variantes oclusivas vozeadas [d] e [j] para o flap /ɾ/ e a aproximante /j/ respectivamente, que aparecem em início de palavra ou após a oclusiva glotal /ʔ/. De acordo com Cáceres (2011:62) a variante do flap é uma variante contextual, enquanto que a variante da aproximante é uma variante livre.

alofone nasal [m̥] que aparece obrigatoriamente após uma consoante nasal em coda. Logo a sequência [nasal]+h/ é realizada [mm̥] (exemplo 02a, 02b e 02c). No caso de empréstimos, a sequência consonantal [mm̥] aparece na palavra de origem espanhola na sequência [nasal] + [oclusiva bilabial] (exemplos 02d e 02e).

- variantes desvozeadas do segmento [h]: este tem

- (02)
- | | | |
|----|-----------------------|---------------------------|
| a. | [em̥mo] | 'para beber' |
| b. | [tam̥m̥əʔne] | 'rápido' |
| c. | [kom̥me] | 'frio' |
| d. | cambiar (espanhol) → | [ekamm̥ijaka]
'trocar' |
| e. | sombrero (espanhol) → | [samm̥re:ru]
'chapéu' |

(Cáceres 2011:63-64)

- variante livre ʏ pela oclusiva glotal /ʔ/.

- (03)
- | | | |
|----|-------------------------------------|---|
| a. | [wetántáaʔnəəna] ~ [wetántáaʔnəəna] | wetanta'ñöönö
'chanter' |
| b. | [wewáaʔta] ~ [wewáaʔta] | wewa'ta
'je suspends um hamac, um cable, um fil' |
| c. | [wiiʔsa] ~ [wiʔsa] | 'j'épluche' |

(Cáceres 2007:136)

Tal variação entre a articulação de um gesto glotal [ʔ] ou como [V] também ocorre em outras línguas amazônicas, conforme atestam Stenzel & Demolin (2013) para o Kotiria e Wa'ikhana, duas línguas da família Tukano Oriental. Segundo os autores “uma segunda articulação do traço segmental [+glotal] encontrada em ambas as línguas é uma 'transição laringalizada' que ocorre em sequências de vogais para marcar a fronteira silábica” (Stenzel & Demolin 2013:93). Especificamente para o Kotiria os autores relatam que, no meio da transição entre vogais, ocorre uma aumento brusco na amplitude do vozeamento, que, segundo eles, aciona um caráter “glotático” ao som

da vogal. Já em Wa'ikhana há a descrição de uma terceira variante do traço suprasegmental [+glotal] que ocorre em sequências de vogais (iguais ou diferentes) envolvendo uma transição abrupta entre realizações laringalizada e modal. Essa transição provoca uma mudança na amplitude e no ritmo dos ciclos glotais, produzindo a impressão auditória de uma oclusiva glotal (Stenzel & Demolin 2013:94).

Outras variantes são descritas detalhadamente na tese de Cáceres (2011) e na sua descrição da fonologia do Ye'kuana (2007). Quanto à fonotática, a estrutura silábica do Ye'kuana é (C)V(V)(C) em que VV representa uma vogal longa. Os exemplos abaixo foram retirados de Cáceres (2011:64):

(04)

(C)V	(C)VV	(C)VC
/ki.mi/ 'faca'	/aa.kə/ 'dois'	/toj.ma/ 'misturado'
/a.ku.ri/ 'cutia'	/oo.he/ 'muito'	/taʔ.ne/ 'quente'
/ti.ri.e/ 'fato'	/təə.ka/ 'mordido'	/kan.no/ 'aqueles'

De acordo com sua distribuição, sequências vocálicas no interior da sílaba não são encontradas, mas podem aparecer duas vogais com timbres diferentes em fronteiras morfológicas e que sempre resultam em duas sílabas diferentes. Quanto à distribuição consonantal, quatro consoantes podem aparecer em posição de coda: as

aproximantes /w/ e /j/, a nasal oclusiva /n/ e a oclusiva glotal /ʔ/. Cáceres (2011:65) afirma que somente as consoantes aproximantes podem aparecer no final de palavra precedidas pelas vogais anteriores /e/ e /a/. Já as consoantes /n/ e /ʔ/ que aparecem somente em codas interiores, podendo ser precedidas por qualquer consoante. Segue abaixo uma lista de exemplos:

(05)

/ʔ/	/n/	/w/, /j/
/a.waʔ.ɾe/ 'premier'	/mən.tə/ 'là-bas'	/aʔ.ɾew/ 'langue'
/woʔ.mo/ 'collier'	/tən.he/ 'stupide'	/ka.waw/ 'grenouille'
/ɾeʔ.wə/ 'dessus'	/we.ɾen.tʃə/ 'fumée'	/tin.kij/ 'presse à manioc'

(Cáceres 2011:66)

Cáceres (2011:64) também explica que duas restrições podem ser aplicadas à posição de acordo com o tipo de sílaba. As sílabas sem ataque V(C) aparecem somente no início da palavra e, em certos casos específicos, na fronteira morfológica direita, conforme os exemplos (06a) e (06b). Já as sílabas com CVC não podem aparecer em final de palavra, a menos que contenham uma aproximante, como nos exemplos (07a) e (07b):

- (06) a. [iʔ.moj]
'oeuf'
b. [in.sa]
'd'un côte'

(Cáceres 2011:64)

- (07) a. [tukkuj]
'colibri'
b. [mmaj]
'ma maison'

(Cáceres 2007:146-150)

A partir das considerações apresentadas acerca do sistema fonológico do Ye'kuana, segue uma análise do perfil tipológico da língua.

YE'KUANA: PERFIL TIPOLOGICO

Antes de iniciar uma análise tipológica do Ye'kuana, cabe aqui identificar a função dos estudos tipológicos no trabalho de descrição de línguas. A tipologia é, nas palavras de Nichols (2007:231), um conjunto de conhecimentos adquiridos através do estudo comparativo de diferentes línguas; é um recorte teórico que procura padrões subjacentes, a despeito das diferenças externas reveladas nas estruturas de superfície. Croft (2003) assume que, sendo a tipologia fundamentalmente comparativa, uma análise tipológica genuína busca examinar a variação entre

um número expressivo de línguas com o intuito de descobrir universais na estrutura das línguas e propor explicações para esses universais. Uma vez que a tipologia tem interesse na gama de variações que podem existir entre as línguas, o trabalho dos tipologistas passa a ser tentar entender a língua nos seus próprios termos. A despeito da aparente semelhança entre os estudos tipológicos e o estudo dos universais linguísticos, enquanto os primeiros se interessam pela variação entre as línguas, o estudo dos universais se interessa primordialmente pelo limite dessa variação (Comrie 1989).

A proposta de análise tipológica se faz extremamente relevante se pensarmos que, atualmente, são faladas cerca de 6.000 línguas no mundo (UNESCO 2010), e muitas dessas línguas não se encaixam no padrão indo-europeu. Pensando nesses dados, a proposta é buscar maneiras de descrever e analisar as estruturas dessas línguas em termos universais, na medida em que é feito um enfoque generalizante, grupal, pois as línguas possuem características que as aproximam ou distanciam umas das outras, e individual. No que segue, a partir de cada noção tipológica apresentada, mostraremos dados do Ye'kuana para tentarmos traçar um perfil tipológico da língua.

A TIPOLOGIA MORFOLÓGICA

Segundo Comrie (1989:42) apesar de terem sido sugeridas inúmeras bases para uma tipologia holística, duas são particularmente importantes: a tipologia morfológica cujos estudos ganharam corpo no século XIX, com um enfoque na classificação da estrutura do vocábulo; a segunda é a tipologia de ordem vocabular, sobre a qual falaremos adiante. A tipologia morfológica está interessada em como funcionam os padrões de composição das palavras, se predomina pouca morfologia interna (e então teremos línguas

+isolantes) ou línguas com morfologia mais complexa (são as línguas sintéticas). De acordo com esse padrão, os estudos tipológicos agrupam as línguas em *isolantes*, *aglutinantes*, e *fusionais*. Não obstante as categorias serem distintas umas das outras, as línguas raramente acomodam-se estritamente em um perfil. Os estudiosos, na maioria das vezes, preferem alocar as línguas em uma espécie de *continuum*, no qual as línguas são classificadas de acordo com as características que elas mais evidenciam, sem ter que necessariamente encaixar-se exclusivamente em um deles. São reconhecidos dois índices de classificação morfológica: o índice de síntese e o índice de fusão.

O índice de *síntese* refere-se à quantidade de morfemas que uma palavra pode ter. De um lado deste índice estão as línguas **isolantes**, nas quais cada morfema/ palavra constitui um elemento que não pode ser internamente decomposto em unidades menores, com sentido lexical ou gramatical, que não tem morfologia interna. Do outro deste índice estão as línguas **polissintéticas**, na qual a palavra é morfológicamente complexa, podendo corresponder à uma frase inteira de uma língua +analítica.

O índice de fusão refere-se às unidades de significação *fusionadas* aos morfemas. Em um extremo desse índice temos as línguas que são **fusionais** (também chamadas *flexionais*) porque nelas mais de uma categoria gramatical pode ser expressa em um único morfema, e a fronteira entre uma significação e outra não é clara. No outro extremo desse índice estão as línguas **aglutinantes**, nas quais cada componente de significação é expresso por um único morfema. Dentro desse índice, o Ye'kuana é uma língua que está mais próxima do extremo das línguas aglutinantes, um padrão das línguas Karíb, no entanto pode apresentar morfemas com mais de

uma significação, como é o caso do prefixo de pessoa que ocorre em verbos transitivos e é o morfema **portmanteau** *man-*, apresentado nos exemplos em (08). É interessante notar que no exemplo (08c) o sufixo de plural marca apenas a pluralidade do objeto.

- (08) a. [manayu'kuj]
man-ayuku-i
 1:2-bater-PRP
 'eu bati em você'
- b. [manʃumaj]
man-shuma-i
 1:2-bater-PRP
 'eu beijeí você'
- c. [manene:ato]
man-enea-to
 1:2-bater-PL
 'eu vi vocês'

Com relação aos processos de afixação, o Ye'kuana é uma língua que pode tanto ter prefixos quanto sufixos, e estes últimos em maior quantidade, sendo que a pessoa é marcada através de prefixação enquanto a negação, número, diminutivo e os processos derivativos, são marcados através de sufixação, conforme demonstram os exemplos abaixo.

- (09) a. [ʃima:rayʃomo]
shimaada-i=chomo
 flecha-POS=PL
 'flecha de alguém'
- b. [jeʔkʷanahini]
ye'kuana-jönö
 ye'kuana-NEG
 'não ye'kuana'
- c. [janwakomokə]
yanwa=komo-kä
 homem=PL-DIM
 'meninos'

CLASSES DE PALAVRAS

A gramática tradicional costuma chamar de “partes do discurso” aquilo que normalmente é conhecido como *classes de palavras*. Segundo Payne (2006) esse termo é utilizado para designar as palavras que expressam categorias conceituais nas línguas. Payne (2006:93) também afirma que as palavras podem variar de classe de acordo com o modo que elas são utilizadas no discurso, e que algumas vezes são necessários testes morfossintáticos para determinar a classe da palavra. Outras vezes a classe só pode ser inferida através do contexto. As descrições linguísticas do Ye'kuana reconhecem a existência das seguintes classes: nomes, verbos, advérbios, posposições e partículas. Essas classes podem ser identificadas em função da distribuição das marcas morfológicas que ocorrem em cada uma, bem como dos

processos morfológicos derivacionais que permitem passar de uma categoria a outra (Cáceres 2011:107). Nesta seção faço algumas considerações acerca de nomes e verbos na língua Ye'kuana.

Nomes

De acordo com Payne (1997) o nome deve ser definido de acordo com suas características morfológicas e distribucionais. Sintaticamente, o nome pode ser núcleo de um NP, funcionando como argumento de verbo transitivo ou/e intransitivo. Morfologicamente, o nome em Ye'kuana pode receber marca de plural, diminutivo, negação e posse (figura 2.5), no entanto não ocorre flexão de gênero, o que é comum entre as línguas da família Karíb, como em Waimiri-Atroari (Bruno 2003:68).

Prefixo de Pessoa –**Radical** – (Sufixo de Posse) – (Negação) – (Diminutivo) – (Número)

Figura 5. Estrutura da palavra nominal em Ye'kuana

Seguem em (10) alguns exemplos da estrutura da palavra nominal em Ye'kuana.

- (10) a. [imi'tōkomo]
 ömö-tonkomo
 ömö-ø-tomo=komo
 pai-POSS-PL.ANIM=COL
 'pais'
- b. [i'nɛri]
 ö-ne-dö
 1-filho-POSS
 'meu filho/minha filha'
- b. [jeʔk^wanahi'ni]
 ye'kuana-jönö
 ye'kuana-NEG
 'não Ye'kuana'
- d. [janwa'kə]
 yanwa-kä
 homem-DIM
 'menino'
- e. [jima:ray'tfomo]
 Ø-*shimaada-i=chomo*
 3-flecha-POSS=COL

Uma revisão da literatura sobre outras línguas Karíb nos mostra análises paralelas, como a de Derbyshire (1985:06) que diz que a língua Hixkaryana não apresenta uma marcação de número regular, no sentido de apresentar 'singular-plural', mas sim uma marca que coletiviza os nomes animados. O mesmo padrão ocorre no Tiriyó, e, segundo Meira (1999:139), essa marca seria melhor definida pelo termo 'totalitativo' ao invés de 'coletivo', uma vez que a noção de 'coletivo' em

linguística pode assumir outros usos. Tavares (2005:150) afirma que no Wayana não há plural na língua uma vez que todos os morfemas de número referem-se a uma coletividade. Também em Wayana é possível que o nome, mesmo sem marca de número, faça referência a mais de uma entidade. É interessante notar também que as formas que marcam número são cognatas para as línguas do ramo guianense da família Karíb, como podemos ver na tabela abaixo.

Língua	Morfema de número
Ye'kuana (Cáceres 2011:108)	= <i>komo</i>
Hixkaryana (Derbyshire 1985:245)	- <i>komo</i>
Wayana (Tavares 2005:151) ²	- <i>tom(o)</i> - <i>kom(o)</i> - <i>nom(o)</i> - <i>anom(o)</i> - <i>am(o)</i> - <i>jam(o)</i> - <i>tonom(o)</i> - <i>om(o)</i>

Tabela 3. Formas cognatas de coletivizadores em línguas do ramo guianense da família Karíb

Outro padrão recorrente entre as línguas da família Karíb é o fato de que não há adjetivos. Cáceres (2011:137) afirma que para realizar processos de modificação nominal, a palavra em Ye'kuana deve ter as mesmas características do nome que modifica. Já a modificação verbal ocorre quando um verbo intransitivo exige semanticamente um complemento na frase, e este complemento é expresso por um complemento adverbial. Dixon (2010:62) afirma que em todas as

línguas pode ser reconhecida uma classe de palavras que é diferente da classe dos nomes e verbos, e o que muitas descrições vêm chamando advérbios é, na verdade, uma classe de adjetivos. Cáceres (2011:137) afirma que em Ye'kuana não há uma classe de adjetivos, e mesmo que a ampla gama de estudos sobre línguas Karíb não reconheça uma classe de adjetivos, Meira e Gildea (2009:131) afirmam que, antes de se posicionar a respeito da existência de uma classe específica de

²Tavares (2005:151) explica que o uso dos sufixos de coletivo no Wayana pode ser condicionado lexicalmente, por derivação ou pelo ambiente morfossintático.

adjetivos e/ou advérbios nas línguas dessa família, é importante checar com cuidado quais as propriedades morfológicas e sintáticas que cada uma dessas línguas atribui às classes de nome e verbo.

Verbos

De acordo com Cáceres (2011), o verbo em

Ye'kuana é a categoria que mais apresenta possibilidades morfológicas, tais como prefixação de pessoa e na posição sufixal flexão de número, aspecto, negação e operações de valência. De acordo com a tabela apresentada por Cáceres (2011:124), segue abaixo um modelo simplificado da estrutura do verbo na língua Ye'kuana.

Marcação de argumentos	- Radical -	Processos Flexionais e Derivacionais
Prefixo de pessoa –	(Valência) – Raiz – (Valência)	– TAM – (Número) – (Negação)

Figura 6. Estrutura da palavra verbal em Ye'kuana

De acordo com a proposta acima a marcação de argumentos acontece através do prefixo de pessoa, que indica a relação entre os argumentos envolvidos, conforme as tabelas abaixo, que mostram o paradigma de prefixos de pessoa. Em Ye'kuana há dois sistemas de marcação de pessoa, o sistema apresentado na Série I e o sistema apresentado na Série II.

O sistema de marcadores que fazem parte da Série I, segundo Cáceres (2011:209), é selecionado pelos marcadores TAM de origem não-derivacional. Gildea (2012:460) explica que tais marcadores são caracterizados com um sistema hierárquico ou inverso que apresenta uma cisão na marcação de pessoa dos verbos intransitivos. Esses marcadores da Série I combinam-se os seguintes marcadores TAM:

- Sufixos de tempo passado (-i passado recente perfectivo, -ne passado distante perfectivo, -anã passado recente imperfectivo, -akene / -akã passado distante imperfectivo);
- Sufixos de modo performativo (-kã imperativo, -iye jussivo, -'nhojo permissivo, -i vetativo, -'no apreensivo), que podem ocorrer em todas as pessoas com exceção da terceira.

	A	S _A	S _P	P	
1	w(i)-			ä- / (y)^-	1P k(ö)-
2	m(i)-			ä(y)- / a(y)-	2P män- / man-
1+2	k(i)^-			k(ö)-	
3				n(i)- / kön- / kin(i)-	
1+3	nhaa n(i)-			nhaa Ø-	

Tabela 4. Marcadores da Série I (adaptado de Cáceres 2011:210)

Já os marcadores da Série II, apresentados na tabela abaixo, são responsáveis por indexar o argumento único do verbo intransitivo ou o objeto do verbo transitivo, e podem ser utilizados em verbos que apresentam os seguintes marcadores:

- o imperfectivo –dö;
- o nominalizador de ação –dö;
- o nominalizador de ação passada –'jödö;
- o nominalizador circunstancial (de instrumento e lugar) –tojo;
- o nominalizador de agente –nei;
- o nominalizador resultativo –ajä;
- os subordinantes –dawä e –taame;
- o desiderativo –'se.



	S	P
1	ö- /u- / (y)^-	
2	ä(y)- / a(y)- / o(y)-	
1+2	k(ö)-	
3	i^ - / ø-	
1+3	nhaa ø-	nhaa i^ - / ø-
N	ø-	i^ - / ø-
3R	t(ö)-	

Tabela 5. Marcadores da Série II (adaptado de Cáceres 2011:212)

As operações de valência são realizadas no domínio do radical, e conforme apresentado na figura 2.6 elas podem acontecer tanto prefixadas quanto sufixadas ao radical. As operações de valência que podem aparecer prefixadas são as detransitivizações, realizadas pelo morfema *ät-* e seus oito alomorfes que são fonologicamente condicionados pela vogal inicial da primeira sílaba do radical. Já as operações de valência realizadas após o radical são as causativizações realizadas pelos marcadores *-näjö*, *-nöjö* e *-jo*. Os dois primeiros marcadores parecem ser variantes de um mesmo marcador, reconstruído do proto-karíb, conforme notado por Gildea & Meira 2010 (*apud* Cáceres 2011:133), e atuam sobre o radical do verbo, transitivizando-o. Já o marcador *-jo* atua sobre verbos inergativos (S_A) e verbos intransitivos, conservando a valência dos intransitivos (Cáceres 2011:134).

Os processos flexionais e derivacionais, tais como marcação de tempo, modo e aspecto, número e negação, ocorrem todos em posição sufixal. No capítulo quatro apresentaremos dados acerca de dois morfemas que aparecem sufixados, um morfema de aspecto que está relacionado com a pluralidade da ação expressa pela raiz, e um morfema de número que marca a pluralidade dos

argumentos.

A ORDEM DOS CONSTITUINTES

A ordem dos argumentos A, S e P em Ye'kuana pode, aparentemente, apresentar grande variabilidade. Isso acontece porque os argumentos são marcados no verbo através dos prefixos de pessoa. Em dados elicitados, nas sentenças transitivas, a ordem pode apresentar as seguintes variações: APV, AVP, ou PVA. Em sentenças intransitivas, mesmo o verbo apresentando a marcação de argumento único S através do prefixo de pessoa, a ordem será SV. Cáceres (2011:282) argumenta que esta ordem não é rígida quando se trata de sentenças afirmativas, no entanto em interrogações o predicado deve aparecer no início do enunciado, segundo mostram seus dados coletados em contexto espontâneo. A guisa de comparação, os dados de Chavier (2008:36) apontam para a ordem PAV, enquanto os dados de Hall (1988) concluem que a ordem dos constituintes é SOV (APV).

Cáceres (2011:281) também explica que a elicitación pode gerar resultados de ordens diferentes, dependendo da língua em que o pedido for feito. Também pode haver variação de acordo com a seção: em uma seção os dados levantados podem ser coerentes entre si, mas contraditório em outro levantamento de seção, o que indica que os falantes podem fazer uma escolha deliberada para homogeneizar as informações, no entanto tal escolha não ocorre em contextos de fala espontânea.

CONCLUSÕES

A partir das considerações apresentadas ao longo desse trabalho, localizei a língua Ye'kuana dentro da classificação das línguas da família Karíb proposta por Gildea (2012), e apresentei uma revisão dos trabalhos de descrição linguística

realizados com o Ye'kuana até o momento, para, em seguida, apresentar uma descrição tipológica, com ênfase na tipologia morfológica da língua. Muitos detalhes, acerca desta análise tipológica ainda precisam ser resolvidos, como a delimitação dos parâmetros para o que é um adjetivo nas línguas Karíb e em especial no Ye'kuana. Também, para um próximo trabalho de descrição linguística, seria importante aprofundar os estudos sobre a sintaxe para tentar perceber se há uma relação com os marcadores de pessoa das séries I e II, e se isso nos leva a novas pistas sobre a hierarquia de agentividade presente na língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, K. 2007. *A ética Ye'kuana e o espírito do empreendedorismo*. Tese de Doutorado, UNB.
- BRUNO, A.C. 2003. *Waimiri Atroari Grammar: Some Phonological, Morphological and Synthatic Aspects*. PhD Thesis, The University of Arizona, Tucson.
- CÁCERES, N.2007. *Introduction à la langue des Ye'kwana: profil sociolinguistique et esquisse phonologique*. Mémoire de Master, Université Lyon 2.
- _____. 2011. *Grammaire Fonctionnelle-Typologique du Ye'kwana: Langue caribe du Venezuela*. Thèse de doctorat, Université Lumière Lyon 2.
- CAMPETELA, C. 1997. *Análise do system de marcação de caso nas orações independents da língua Ikpeng*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
- _____. 2002. *Aspectos prosódicos da língua Ikpeng*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
- CHAVIER, M. 1999. *Aspectos de la morfología del Ye'kwana*. Tesis de Maestría, Maracaibo, Universidad del Zulia.
- _____. 2008. *Aspectos tipológicos y culturales en la morfosintaxis del Ye'kwana*. Tesis de Doctorado, Mérida: Universidad de Los Andes.
- CROFT, W. 2003. *Typology and Universals*, 2nd Ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- COMRIE, B. 1989. *Language Universals and Linguistic Typology*, 2nd Ed. Oxford: Blackwell.
- CIVRIEUX, M. de. 1997. *Watunna: na Orinoco Creation Cicle*. University of Texas Press.
- DERBYSHIRE, D. C. 1985. *Hixkaryana and Linguistic Typology*. Dallas: Summer Institute of Linguistics and the University of Texas at Arlington.
- _____. 1999. Carib. In *The Amazonian Languages*. Edited by R.M.W. Dixon and Alexandra Aikhenvald. Cambridge: Cambridge University Press. 23-63
- DIXON, R.M.W. 2010. *Basic Linguistic Theory (Vol. II)*. New York: Oxford University Press.
- DURBIN, M. 1977. A survey of the Carib language family. In: *Carib-speaking indians: culture, society and language*. E. Basso (Ed). Tucson: University of Arizona Press. 23-38.
- FRANCHETTO, B. 2002. Kuikuro: uma língua ergativa no ramo meridional da família karib (Alto Xingu). In *Ergatividade na Amazônia I*. Centre d'études des langues indigènes d'Amérique (CNRS, IRD), Laboratório de Línguas Indígenas (Unb). 15-44.
- _____. 2003. L'autre du même: parallélisme et grammaire dans l'art verbal dès récits kuikuro - caribe du haut Xingu, Brésil. In *AMERINDIA 28* (Langues caribes). 213-248.
- _____. 2004. Coreferentiality in Kuikuro (Southern Carib, Brazil) In *Ergativité en Amazonie - Ergatividade na Amazônia III*. Centre d'études des langues indigènes d'Amérique (CNRS, IRD), Laboratório de Línguas Indígenas (Unb), 121-138.
- _____. 2006. Are Kuikuro Roots Lexical Categories? In *Lexical Categories and Root Classes in Amerindian Languages*. Lois, X. & Vapnarski, V. (Eds.) Bern: Peter Lang. 33-68.
- _____. & SANTOS, M. 2003. Natureza dos argumentos e mudança de valência a partir de uma classificação (semântica) dos 'verbos' Kuikuro. In *Ergatividade na Amazônia II*. Centre d'études des langues indigènes d'Amérique (CNRS, IRD), Laboratório de Línguas Indígenas (Unb). 101- 154.
- GILDEA, S. 1989. *Simple and Relative Clauses in Panare*. University of Oregon, M.A. thesis.

_____. 2012. Linguistic studies in the Cariban family. In *Handbook of South American Languages*. Campbell, L. & Grondona, V. (Eds.). Berlin: Mouton de Gruyter. 441-494.

GIRARD, V. 1971. *Proto-Carib phonology*. PhD. Thesis. Berkeley: University of California.

GUSS, D. 1989. *To Weave and Sing: Art, Symbol, and Narrative in the South American Rainforest*. University of California Press, Berkeley and Los Angeles: California.

HALL, K. L. 1988. *The morphosyntax of discourse in D'ekwana Carib*. Volumes I and II. PhD Thesis. Washington University.

KAUFMAN, T. K. 1994. The native languages of South America. *Atlas of the World's Languages*. Mosely, C. & Asher R. E.(Eds.) New York: Routledge. 46-76.

_____. 2007. South America. *Atlas of the World's Languages*. 2nd Ed. Mosely, C. & Asher R. E.(Eds.) London: Routledge. 59-94.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 1979. [1917]. *Del Roraima al Orinoco, traduit de l'allemand par Federica de Ritter*. Vol. III. Caracas: Ediciones del Banco central de Venezuela.

LOUKOTKA, Č. 1968. *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles: Latin American Center, UCLA.

MEIRA, S. 1999. *A grammar of Tiriyó*. PhD Thesis. Houston: Rice University.

_____. 2006. A família linguística Caribe (Karíb). In *Revistas de Estudos e Pesquisas*. FUNAI, Brasília. v. 3, n. 1/2. 157-174.

MEIRA, S. & FRANCHETTO, B. The southern Cariban languages and the Cariban family. *International Journal of American Linguistics* 71. 127-192.

PAYNE, T. E. 1997. *Describing morphosyntax: a guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 2006 *Exploring language structure: a student's guide*. Cambridge: Cambridge University Press.

PACHÊCO, F. B. 1997. *Aspectos da gramática Ikpeng (Karíb)*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

_____. 2001. *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karíb)*. Tese de doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de

Campinas (UNICAMP).

SANTOS, G.M.F. 2007. *Morfologia Kuikuro: gerando nomes e verbos*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SOUZA CRUZ, M.O. 2005. *Fonologia e Gramática Ingarikó: Ka?pon - Brasil*. Ph.D. Thesis. Free University of Amsterdam.

SILVA MONTERREY, N. R. 2007. *Pouvoir, parenté et société chez les Ye'kwana du Cauro-Erebato, au Venezuela: de la diversité à la synthèse*. Thèse de doctorat. Paris: EHESS.

STENZEL, K. & DEMOLIN, D. 2013. Traços Laringais em Kotiria e Wa'ikhana (Tukano Oriental). In *Fonologia: Teoria e perspectivas - Anais do IV Seminário Internacional de Fonologia*, eds. Leda Bisol and Gisela Collischonn. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS. 77-100.

TAVARES, P.S. 2005. *A Grammar of Wayana*. Ph.D. Thesis. Rice University.

UNESCO. 2010. *ATLAS of the World's Languages in Danger*. <<http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/en-dangered-languages/>> acessado em 15 de Janeiro de 2013.

